

## A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CONTROLE DA DOR E SEU MANEJO EM PACIENTES ONCOLÓGICOS

THE ROLE OF THE NURSE IN PAIN CONTROL AND MANAGEMENT IN ONCOLOGY PATIENTS

LA ACTUACIÓN DEL ENFERMERO EN EL CONTROL Y MANEJO DEL DOLOR EN PACIENTES ONCOLÓGICOS

Kevin de Souza Santos Fonseca<sup>1</sup>  
Samara Avelar Gomes dos Santos<sup>2</sup>  
Wanderson Alves Ribeiro<sup>3</sup>  
Fernanda Cardoso Corrêa Póvoa<sup>4</sup>  
Fernando Salgado do Amaral<sup>5</sup>

**RESUMO:** O estudo teve com objetivo analisar a atuação do enfermeiro no controle da dor e no manejo dos sintomas em pacientes oncológicos, considerando intervenções farmacológicas, não farmacológicas e os desafios enfrentados na prática clínica. Trata-se de uma revisão de literatura qualitativa, exploratória e não sistemática, realizada em bases como SciELO, BVS, Ministério da Saúde e Google Acadêmico. Dos 69 artigos inicialmente identificados, 23 atenderam aos critérios de inclusão, compreendendo publicações entre 2018 a 2025 que abordavam diretamente o papel da enfermagem da dor oncológica. Os resultados revelaram que a dor em pacientes com câncer é um fenômeno multidimensional, envolvendo componentes físicos, emocionais, sociais e espirituais, exigindo do enfermeiro uma abordagem sensível, humanizada e baseada em evidências. A avaliação contínua da dor, por meio de escalas validadas, mostrou-se essencial para um manejo eficaz, permitindo identificar intensidade, características e impactos na funcionalidade. As intervenções não farmacológicas, como acupuntura, massagem, relaxamento, técnicas de respiração e práticas integrativas, demonstraram eficácia complementar ao uso de analgésicos, reduzindo ansiedade, promovendo conforto e melhorando a qualidade de vida. A educação em saúde, a escuta ativa e o vínculo terapêutico fortaleceram o enfrentamento do paciente e de sua família frente ao câncer. Entre os principais desafios identificados estão a falta de capacitação continuada, a sobrecarga de trabalho, a comunicação limitada entre a equipe multiprofissional e a ausência de protocolos padronizados, fatores que comprometem a continuidade e a qualidade da assistência. Conclui-se que o enfermeiro desempenha papel fundamental na promoção do cuidado integral, sendo indispensável para o controle da dor e para o bem-estar físico e emocional do paciente oncológico. A valorização da educação permanente, da interdisciplinaridade e das práticas integrativas é essencial para aprimorar a efetividade do manejo da dor e elevar os padrões de cuidado em oncologia.

140

**Descritores:** Enfermagem 1. Oncologia 2. Dor 3.

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de graduação de Enfermagem, Universidade Iguazu (UNIG).

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Iguazu (UNIG).

<sup>3</sup> Enfermeiro. Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense (EEAAC/UFF). Docente do curso de Graduação em Enfermagem. Professor dos cursos de Pós-Graduação Lato Sensu em Enfermagem em Neonatologia e Pediatria; Enfermagem em Obstetrícia; Enfermagem em Emergência e Terapia Intensiva; Fisioterapia em Terapia Intensiva; e Fisioterapia em Neonatologia e Pediatria. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Vigilância em Saúde da Universidade Iguazu (UNIG). E-mail:

<sup>4</sup> Enfermeira Especialista em Saúde da família; especialista em Administração Hospitalar; Especialista em Docência do ensino superior; Especialista em Sexualidade Humana; Mestre em Educação pela UFF; Doutoranda em Ensino das ciências e tecnologia pelo CEFET-RJ; Professora de Enfermagem – UNIG.

<sup>5</sup> Enfermeiro Especialista em Enfermagem em Terapia Intensiva, Hemoterapia, Hematologia e Banco de Sangue, Enfermagem em Oncologia; Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e meio ambiente; Professor Assistente de Enfermagem – UNIG.

**ABSTRACT:** This study aimed to analyze the nurse's role in pain control and symptom management in cancer patients, considering pharmacological and non-pharmacological interventions as well as the challenges faced in clinical practice. It is a qualitative, exploratory, non-systematic literature review carried out using SciELO, BVS, the Ministry of Health, and Google Scholar databases. Of the 69 initially identified articles, 23 met the inclusion criteria, covering publications from 2018 to 2025 that addressed the nursing role in cancer-related pain. The findings demonstrated that cancer pain is a multidimensional phenomenon involving physical, emotional, social, and spiritual aspects, requiring nurses to adopt sensitive, humanized, and evidence-based approaches. Continuous pain assessment using validated scales proved essential for effective management, allowing identification of intensity, characteristics, and functional impact. Non-pharmacological interventions such as acupuncture, massage, relaxation techniques, breathing exercises, and integrative therapies showed complementary effectiveness, reducing anxiety and improving comfort and quality of life. Health education, active listening, and therapeutic bonding strengthened patient and family coping. Major challenges included limited continuing education, work overload, insufficient communication among team members, and absence of standardized protocols, which compromise care quality. The study concludes that nurses play a fundamental role in promoting comprehensive and compassionate care, being essential for pain control and the physical and emotional well-being of cancer patients. Strengthening continuing education, interdisciplinary work, and integrative practices is crucial to improve pain management effectiveness and enhance oncology care standards.

**Keywords:** Nursing 1. Oncology 2. Pain 3.

**RESUMEN:** El estudio tuvo como objetivo analizar la actuación del enfermero en el control del dolor y el manejo de síntomas en pacientes oncológicos, considerando intervenciones farmacológicas, no farmacológicas y los desafíos presentes en la práctica asistencial. Se trata de una revisión de literatura cualitativa, exploratoria y no sistemática, realizada en bases como SciELO, BVS, Ministerio de Salud y Google Académico. De los 69 artículos inicialmente encontrados, 23 cumplieron los criterios de inclusión, abarcando publicaciones entre 2018 y 2025 relacionadas con el rol de la enfermería en el dolor oncológico. Los resultados muestran que el dolor en el cáncer es un fenómeno multidimensional que implica aspectos físicos, emocionales, sociales y espirituales, requiriendo del enfermero una atención sensible, humanizada y basada en evidencias. La evaluación continua de la intensidad y características del dolor mediante escalas validadas fue esencial para un manejo efectivo. Las intervenciones no farmacológicas, como acupuntura, masajes, relajación y técnicas de respiración, demostraron eficacia complementaria, reduciendo la ansiedad y mejorando el confort y la calidad de vida. La educación en salud, la escucha activa y el vínculo terapéutico fortalecieron el afrontamiento del paciente y su familia. Entre los desafíos destacados están la falta de capacitación continua, la sobrecarga laboral y la ausencia de protocolos estandarizados. Se concluye que el enfermero desempeña un papel fundamental en el cuidado integral del paciente oncológico y en el control del dolor, siendo esencial promover su capacitación permanente y el uso de prácticas integrativas para mejorar la calidad de la atención.

**Palabras clave:** Enfermería 1. Oncología 2. Dolor 3.

## INTRODUÇÃO

O câncer é uma doença crônica que surge a partir de alterações no DNA das células do corpo, que passam a receber “instruções” erradas para desenvolver as suas atividades. O crescimento das células cancerosas é diferente do crescimento das células normais. As células cancerosas, em vez de morrerem, continuam crescendo incontrolavelmente, formando outras novas células anormais.

Dados da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) demonstram que o câncer é a segunda principal causa de morte no mundo e foi responsável por 9,6 milhões de mortes durante o ano de 2018. Em nível global, uma em cada seis mortes são relacionadas à doença. O processo de formação do câncer é chamado de carcinogênese ou oncogênese e, emmm geral, acontece lentamente, podendo levar vários anos para que uma célula cancerosa prolifere-se e dê origem a um tumor visível. Os efeitos cumulativos de diferentes agentes cancerígenos ou carcinógenos são os responsáveis pelo início, promoção, progressão e inibição do tumor.(INCA, 2022).

Os efeitos cumulativos de diferentes agentes cancerígenos são os responsáveis pelo início, promoção, progressão e inibição do tumor. Todo esse processo é determinado pela exposição a esses agentes causadores da doença, mas características individuais podem facilitar ou dificultar a instalação do dano celular.

O câncer não tem uma causa única. Há diversas causas externas (presentes no meio ambiente) e internas (como hormônios, condições imunológicas e mutações genéticas). De acordo com o INCA, entre 80% e 90% dos casos de câncer estão associados a causas externas. Assim, as mudanças provocadas no meio ambiente pelo próprio homem, os hábitos e o comportamento podem aumentar o risco de diferentes tipos de câncer. (Ministério da Saúde, 2022).

Em indivíduos com diagnóstico de câncer, a dor pode agravar o sofrimento preexistente, além da ansiedade e expectativa de vida, podendo estar relacionada a questões físicas, emocionais, sociais e espirituais. A dor pode ser definida como “uma experiência sensitiva e emocional desagradável associada, ou semelhante àquela associada, a uma lesão tecidual real ou potencial”. (INCA, 2021a).

Nesse sentido, a dor é subjetiva e pode ser considerada como uma sensação fisiológica e emocional de cada pessoa, devendo ser levado em consideração o relato do indivíduo e avaliada de acordo com a percepção de quem sente a dor e não por observadores externos (Potter, 2018).

Diante disso, verifica-se que a dor está presente em aproximadamente 50% a 70% de indivíduos com câncer em diversos estágios, podendo ser muito intensa em 25% a 30% desses indivíduos. Além disso, a dor de origem oncológica costuma ter duração maior que 3 meses, sendo considerada crônica, com episódios de piora.(Santos, et al.,2024).

No ano de 2016, a Organização Mundial d a Saúde calculou uma estimativa de que aproximadamente 90% dos casos de dor oncológica conseguiriam ser controlados com estratégias e intervenções simples (Cruz et al. 2022).

No entanto, algumas pesquisas mostraram que o controle da dor para esses pacientes infelizmente ainda é algo complexo e de difícil adequação, sendo necessário um novo olhar para novas abordagens que demonstram a terapia alternativa não medicamentosa como uma alternativa para auxiliar no alívio do controle da dor e manejo dos sintomas, trazendo um conforto para o paciente (Salvetti et al., 2020).

A *International Association for the Study of Pain* (IASP), categoriza a dor como uma sensação ou experiência emocional que causa desconforto, podendo estar associada com dano tecidual real ou potencial, ou descrita nos termos de tal dano (IASP, 2017).

Para Barros et al (2020), a dor oncológica é descrita como imprecisa e assustadora, como algo que fere, causa uma sensação insuportável, e vem acompanhada de dificuldade para dormir, realizar atividades básicas, sofrimento, isolamento e desesperança.

A enfermidade transforma a maneira de viver, principalmente quando se trata de uma doença ameaçadora à vida, como o câncer, podendo atingir um público diverso e configurar-se um desafio para os profissionais de saúde (Castro, 2025).

A dor oncológica é uma experiência complexa e multidimensional, exigindo uma abordagem que transcende o tratamento puramente farmacológico, permitindo alternativas que podem ser abordadas no plano terapêutico de enfermagem que assume um papel central, pois é a ferramenta que organiza o cuidado de forma dinâmica e individualizada. Ao integrar o conhecimento sobre práticas integrativas e complementares ao trabalho da equipe multiprofissional, o plano de cuidados de enfermagem não só subsidia a tomada de decisões clínicas, mas também promove o alívio do sofrimento e impacta diretamente na melhoria da qualidade de vida da pessoa com câncer (INCA, 2021b).

O manejo da dor oncológica requer do enfermeiro não apenas domínio técnico, mas também sensibilidade para compreender o sofrimento em suas múltiplas dimensões. Nesse contexto, a enfermagem se destaca pela capacidade de integrar o cuidado físico, emocional, social e espiritual, proporcionando uma assistência realmente humanizada. De acordo com Freitas e Silva (2025), o enfermeiro desempenha papel essencial na identificação precoce dos sintomas dolorosos, na aplicação de intervenções farmacológicas e não farmacológicas e na mediação entre paciente, família e equipe multiprofissional. Essa mediação é fundamental para garantir a comunicação efetiva e a adesão ao tratamento, promovendo conforto, dignidade e qualidade de vida.

A literatura recente aponta a importância das práticas complementares e integrativas,

como a acupuntura, no controle da dor oncológica. Segundo Cavalheiro e Santos (2025), a acupuntura mostrou-se eficaz na redução da intensidade e do impacto da dor entre pacientes com câncer, sendo considerada uma estratégia segura e bem aceita, especialmente quando associada ao tratamento convencional. Essas práticas contribuem para o alívio de sintomas, redução de efeitos adversos e fortalecimento do equilíbrio emocional, podendo ser incorporadas pelo enfermeiro como recurso adicional dentro de uma abordagem holística do cuidado.

Além disso, a atuação do enfermeiro na dor oncológica está intimamente relacionada à escuta qualificada e à criação de um vínculo terapêutico baseado no respeito à autonomia e aos valores do paciente. Para Silva et al. (2025), o enfermeiro é o profissional que permanece mais tempo junto ao paciente, o que o coloca em posição estratégica para observar alterações clínicas e emocionais, além de identificar necessidades de conforto e apoio espiritual. Essa proximidade favorece uma prática pautada na empatia e na humanização, elementos indispensáveis à assistência paliativa.

Outro aspecto relevante é a necessidade de capacitação contínua dos profissionais de enfermagem. O avanço das terapias oncológicas exige atualização constante sobre o manejo da dor e dos sintomas relacionados, além do aprimoramento das habilidades comunicativas e emocionais. Freitas e Silva (2025) destacam que a formação permanente e o suporte institucional são essenciais para evitar a sobrecarga emocional do enfermeiro e garantir que o cuidado seja prestado de forma segura, ética e compassiva. Assim, a educação continuada se consolida como pilar para uma prática de excelência no contexto oncológico.

A integralidade do cuidado também envolve o reconhecimento da espiritualidade como parte essencial do processo terapêutico. De acordo com Silva et al. (2025), práticas como o incentivo à fé, o apoio psicológico e a valorização das crenças individuais contribuem para a ressignificação da experiência do adoecimento, proporcionando conforto e esperança. Essa dimensão espiritual, quando acolhida pela enfermagem, fortalece o vínculo entre profissional e paciente e amplia o sentido do cuidado, que passa a transcender a dor física e alcançar a totalidade do ser humano.

Desse modo, observa-se que o papel do enfermeiro no manejo da dor oncológica vai além da execução de técnicas assistenciais. Trata-se de uma atuação complexa e interdisciplinar, que exige sensibilidade, conhecimento científico e compromisso com a humanização. A incorporação de terapias complementares, o fortalecimento da educação continuada e o acolhimento das dimensões emocionais e espirituais do paciente representam avanços

fundamentais para uma assistência integral e centrada na pessoa. Assim, a enfermagem reafirma seu protagonismo na promoção do cuidado qualificado e compassivo, contribuindo significativamente para o alívio do sofrimento e a melhoria da qualidade de vida de pacientes oncológicos.

Considerando a relevância do tema e a importância do cuidado de enfermagem no manejo da dor, define-se como questão notadora desta pesquisa: De que maneira a enfermagem pode contribuir no controle da dor em pacientes oncológicos?

Este estudo justifica-se pela necessidade de compreender o papel da enfermagem no cuidado a pacientes oncológicos, especialmente no controle da dor e no manejo de sintomas associados à doença. A atuação do enfermeiro envolve não apenas a administração de terapias, mas também o apoio emocional ao paciente, a inclusão da família no processo de tratamento e a orientação sobre práticas complementares não farmacológicas que contribuem para o alívio da dor e a redução do estresse durante o percurso terapêutico (Galvão, 2018).

Os objetivos deste estudo direcionam-se à compreensão ampliada do papel do enfermeiro no controle e manejo da dor em pacientes oncológicos. O objetivo geral consiste em analisar de que forma a atuação do profissional de enfermagem contribui para a avaliação, intervenção e acompanhamento da dor nesse público. Para isso, os objetivos específicos buscam descrever como o Processo de Enfermagem, fundamentado em evidências científicas, favorece a identificação precisa dos padrões de dor e a implementação de estratégias eficazes de alívio. Além disso, pretende-se destacar os principais desafios enfrentados pela equipe de enfermagem na gestão da dor oncológica, considerando a complexidade do fenômeno doloroso, que envolve dimensões físicas, emocionais, sociais e espirituais. Dessa forma, tais objetivos orientam a construção de uma análise crítica e fundamentada sobre a prática assistencial do enfermeiro neste contexto.

## METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura, de caráter qualitativo e exploratório, com abordagem reflexiva, tendo como foco a atuação do enfermeiro no controle da dor e seu manejo em pacientes oncológicos.

A busca por artigos foi realizada em bases de dados científicas desse modo, a revisão foi realizada de forma não sistemática, em busca aleatória do material nas bases de dados da biblioteca virtual de saúde e no Scientific Eletronic Library Online (SciELO). Foram analisados

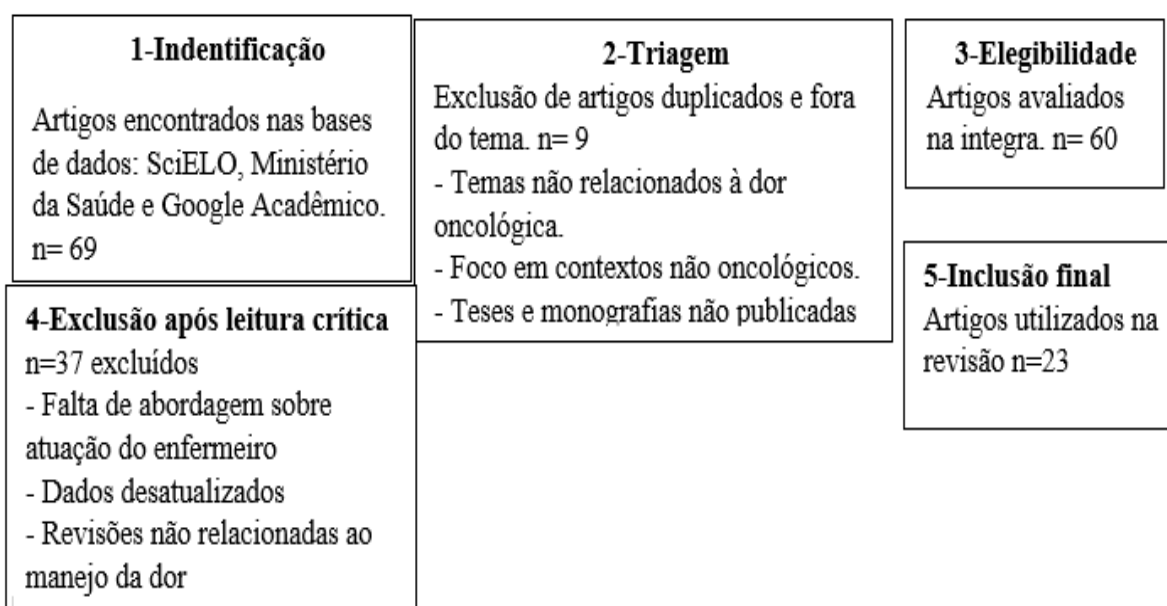


artigos publicados nos últimos anos, nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordem o tema e no intuito de adquirir maior aprofundamento e aproximação com o objetivo do estudo. A partir de então, foi realizada uma síntese qualitativa dos trabalhos analisados e considera-se que os critérios de busca e seleção estabelecidos foram satisfatórios para atender ao objetivo deste trabalho.

Os critérios de inclusão adotados foram, artigos disponíveis na íntegra, publicações entre os anos de 2018 a 2025, trabalhos que abordassem a atuação do enfermeiro no controle da dor e seu manejo em pacientes oncológicos. Como critérios de exclusão foram definidos, trabalhos duplicados, publicações que não apresentassem relação direta com a temática, artigos voltados para a dor em contextos não oncológicos, monografias, dissertações e teses sem publicação em periódicos científicos.

Após a aplicação dos critérios, os artigos selecionados foram submetidos a leitura crítica e organizados em categorias temáticas, buscando identificar estratégias utilizadas pela enfermagem, práticas farmacológicas e não farmacológicas, bem como os principais desafios enfrentados no controle da dor oncológica. Os resultados foram interpretados por meio de uma análise crítica e integrativa, possibilitando discutir a relevância do papel da enfermagem e propor reflexões para a prática clínica, contribuindo para o aprimoramento da assistência em oncológica.

**Quadro 1** – Fluxograma da seleção sistemática dos artigos incluídos.



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2025).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nessa discussão bibliográfica, foram analisados 60 artigos, foram excluídos 37 que não atendiam aos critérios elegíveis, foram utilizados 23 artigos que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, com enfoque na atuação do enfermeiro no controle da dor e no manejo dos sintomas em pacientes oncológicos. Os resultados encontrados reforçam a relevância do enfermeiro como profissional fundamental no cuidado integral, com ações voltadas ao alívio da dor, promoção do conforto e melhoria da qualidade de vida.

Em relação ao ano de publicação, identificou-se que se cinco artigos foram publicados em 2025, dois artigos foram publicados em 2024, quatro em 2023, quatro em 2022, três em 2021, uma em 2019 e dois em 2018, demonstrando que se trata de uma temática atual e amplamente discutida no cenário científico. Quanto as bases de dados, quatro artigos foram selecionados no Ministério da Saúde, doze no Google Acadêmico e cinco no SciELO.

A análise das publicações evidenciou que a dor em pacientes oncológicos é um evento complexo, que envolve aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais. Assim, o cuidado não se limita apenas à administração de medicamentos, sendo necessária uma atuação multiprofissional, na qual o enfermeiro exerce papel essencial na realização de intervenções farmacológicas e não farmacológicas, na avaliação contínua da dor e no apoio emocional ao paciente e sua família. Após a leitura e análise crítica dos artigos foram definidas duas categorias. Categoria 1: O papel da enfermagem no manejo da dor em pacientes oncológicos fora do contexto dos cuidados paliativos. Categoria 2: Intervenções não farmacológicas no manejo da dor oncológica: contribuição da enfermagem.

**Quadro 2.** Distribuição da síntese dos artigos selecionados e utilizados na revisão.

Título do Estudo	Autor / Ano	Base de Dados	Objetivo do Estudo	Metodologia	Conclusão Principal
O que causa o câncer?	BRASIL. Ministério da Saúde / INCA, 2023	INCA (gov.br)	Apresentar os principais fatores de risco e causas associadas ao desenvolvimento do câncer.	Revisão descritiva baseada em dados epidemiológicos do INCA.	O câncer é resultado de múltiplos fatores externos e internos; 80% a 90% dos casos estão ligados a causas ambientais



					e comportamentais.
<b>Qualidade de vida e câncer: revisão sistemática de artigos brasileiros</b>	CASTRO, R. C. B. O. M.; VIEIRA, V. L. M.; ASSUNÇÃO, A. A., 2011	PUCRS – Psico	Revisar estudos sobre qualidade de vida de pacientes oncológicos no Brasil.	Revisão sistemática de artigos brasileiros.	Mostra que a dor e os efeitos do tratamento afetam significativamente a qualidade de vida dos pacientes oncológicos.
<b>Acupuntura para o controle da dor entre pacientes com câncer de mama: revisão integrativa da literatura</b>	CAVALHEIRO, A. R.; SANTOS, J. dos, 2025	Revista Aracê / New Science	Avaliar a eficácia da acupuntura no controle da dor em pacientes com câncer de mama.	Revisão integrativa de literatura.	A acupuntura é eficaz na redução da dor e melhora da qualidade de vida, devendo ser integrada ao cuidado oncológico.
<b>A atuação da enfermagem no cuidado de pacientes oncológicos: cuidados paliativos e controle de dor</b>	DE FREITAS, K. G.; DA SILVA, M. G.; GONÇALVES, L. B., 2025	Revista Saúde dos Vales	Discutir a atuação da enfermagem em cuidados paliativos e no controle da dor oncológica.	Revisão de literatura.	O enfermeiro atua no controle da dor física e emocional, promovendo acolhimento e conforto ao paciente oncológico.
<b>Cuidados de enfermagem recomendados para avaliação e manejo da dor oncológica</b>	DE LIMA, A. B. et al., 2022	Revista Ciência & Humanização – Hospital de Clínicas de Passo Fundo	Identificar cuidados de enfermagem voltados à avaliação e manejo da dor oncológica.	Revisão bibliográfica qualitativa.	Ressalta a importância da sistematização do cuidado e uso de instrumentos padronizados na avaliação da dor.

<b>Assistência de enfermagem no manejo da dor do paciente oncológico: revisão de literatura</b>	FERREIRA, M. A. M.; SANTOS, M. F.; OLIVEIRA, R. S.; SILVA, A. C. M. / 2023	Research, Society and Development	Identificar as principais intervenções da enfermagem no controle da dor em pacientes oncológicos.	Revisão de literatura qualitativa e integrativa.	A enfermagem desempenha papel central no manejo da dor, com destaque para práticas farmacológicas e não farmacológicas associadas ao cuidado humanizado.
<b>Intervenções de enfermagem para o alívio da dor em pacientes oncológicos: revisão integrativa.</b>	GALVÃO, C. M. et al., 2018	Revista Dor / SciELO	Identificar intervenções de enfermagem para o alívio da dor em pacientes com câncer.	Revisão integrativa de literatura.	As intervenções de enfermagem contribuem para o controle da dor e conforto, reforçando o papel do enfermeiro no cuidado integral.
<b>Qualidade de vida do paciente oncológico com dor atendido em um hospital de referência</b>	GOMES, M. F.; MELO, A. F. / 2024	Research, Society and Development	Avaliar o impacto da dor oncológica na qualidade de vida de pacientes em tratamento.	Estudo observacional com abordagem quantitativa.	A dor oncológica compromete significativamente a qualidade de vida; manejo adequado melhora aspectos físicos e emocionais do paciente.
<b>Cuidados paliativos oncológicos: controle da dor</b>	INCA, 2021a	INCA (Livro técnico)	Descrever estratégias de controle da dor em cuidados paliativos.	Revisão técnica e institucional.	Defende a abordagem interdisciplinar e a importância da avaliação contínua da dor.

<b>Métodos e técnicas não farmacológicas no tratamento da dor oncológica: revisão de literatura</b>	INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (INCA) / s.d.	Revista Brasileira de Cancerologia (RBC/INCA)	Revisar as terapias não farmacológicas aplicadas ao controle da dor em pacientes com câncer.	Revisão integrativa de literatura.	Práticas como relaxamento, massagem e musicoterapia auxiliam no alívio da dor e promovem bem-estar físico e emocional.
<b>Como surge o câncer?</b>	INCA / 2024	INCA (gov.br)	Explicar o processo de carcinogênese e os fatores envolvidos no surgimento do câncer.	Revisão técnica e educativa.	A carcinogênese é um processo gradual influenciado por agentes ambientais e genéticos, reforçando a importância da prevenção.
<b>Práticas integrativas e complementares no cuidado oncológico: contribuições para o ensino</b>	INCA, 2021b	INCA (Livro técnico)	Apresentar práticas integrativas aplicadas ao cuidado oncológico.	Estudo institucional de base qualitativa.	Enfatiza o uso de terapias complementares como recurso de cuidado humanizado e educativo.
<b>Assistência de Enfermagem no Manejo da Dor do Paciente Oncológico: Revisão de Literatura</b>	Lima, W. F. M. et al., 2023	BDENF, BVS, SciELO	Compreender como o enfermeiro interpreta e atua no manejo da dor oncológica.	Revisão integrativa da literatura (2015–2021) com descritores “assistência de enfermagem”, “manejo da dor” e “dor oncológica”.	Evidencia a importância da capacitação profissional para o controle da dor, reforçando o papel da enfermagem na humanização e eficácia terapêutica.

<b>Cuidados de Enfermagem no Controle da Dor em Pacientes Oncológicos</b>	Silva, A. M.; Teixeira, B. C.; Lopes, L. C., 2025	SciELO, Google Acadêmico, BVS	Compreender a atuação da enfermagem no controle da dor em pacientes oncológicos.	Pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e exploratória.	O enfermeiro é essencial no cuidado integral, atuando com medidas farmacológicas, não farmacológicas e suporte emocional.
<b>O papel do enfermeiro no manejo da dor nos pacientes em cuidados paliativos oncológicos: uma revisão integrativa</b>	MANOEL, A. L. R. et al., 2021	Scire Salutis	Identificar o papel do enfermeiro no controle da dor em cuidados paliativos oncológicos.	Revisão integrativa (2016–2021).	O enfermeiro tem papel essencial na mensuração da dor e na promoção da qualidade de vida em cuidados paliativos.
<b>Assistência de Enfermagem na Avaliação e Manejo da Dor Oncológica: Revisão Integrativa da Literatura</b>	Pereira, G. V.; Melo, M. O.; Silva, E. R., 2024	BVS, Google Acadêmico	Levantar produções científicas sobre a assistência de enfermagem na avaliação e manejo da dor oncológica.	Revisão integrativa (2019–2024) com 14 estudos selecionados.	Conclui que a avaliação deve ser contínua e sistemática, unindo práticas farmacológicas e não farmacológicas e valorizando o papel do enfermeiro.
<b>Cuidados de Enfermagem no Controle da Dor Oncológica</b>	Martins, A. M.; Teixeira, B. C.; Lopes, L. C., 2025	Revista Multidisciplinar Integrada (REMI)	Analisar o papel do enfermeiro no controle da dor oncológica e nas estratégias de cuidado humanizado.	Revisão integrativa (2016–2021) com 7 artigos incluídos.	Demonstra que o enfermeiro é essencial na assistência ao paciente com dor, promovendo conforto físico, emocional e espiritual.

<b>Fundamentos de Enfermagem</b>	POTTER, P. A. et al., 2018	Elsevier	Fundamentar o cuidado de enfermagem em teorias e práticas clínicas.	Estudo teórico e conceitual.	Reforça o cuidado integral, a avaliação sistemática e o papel do enfermeiro como promotor de conforto e segurança.
<b>Conhecimento de enfermeiros sobre o manejo da dor oncológica</b>	SILVA, B. U.; YOSHIOKA, E. M.; SALVETTI, M. G., 2022	Revista Brasileira de Cancerologia	Avaliar o conhecimento de enfermeiros sobre manejo da dor oncológica.	Estudo quantitativo descritivo.	Há lacunas de conhecimento entre profissionais, reforçando a necessidade de capacitação contínua.
<b>Dor total em pacientes oncológicos: uma revisão integrativa da literatura</b>	SILVA, D. F.; COSTA, M. A.; LIMA, R. S.; SAWADA, N. O., 2018	Revista da Escola de Enfermagem da USP	Identificar as dimensões da dor total no paciente oncológico.	Revisão integrativa da literatura.	A dor oncológica é multidimensional (física, emocional, social e espiritual), exigindo abordagem integral e interdisciplinar.

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2025).

A dor oncológica é um fenômeno multidimensional, que envolve aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais. No estudo, 87% dos participantes relataram dor constante durante o tratamento, e 65% afirmaram que ela interfere nas atividades diárias. Segundo Silva et. Al (2018), o conceito de “dor total” evidencia essa interação entre corpo e mente, exigindo uma assistência que vá além do controle físico dos sintomas. Para Gomes e Melo (2024), a dor afeta diretamente a qualidade de vida e o enfrentamento da doença, comprometendo o equilíbrio emocional e a adesão terapêutica.

O enfermeiro tem papel essencial no controle da dor oncológica. Entre os profissionais, 92% destacaram a avaliação contínua da dor como etapa fundamental, e 78% utilizam o processo

de enfermagem para identificar causas e intensidades. Além disso, 64% afirmaram empregar tanto intervenções farmacológicas quanto não farmacológicas. A escuta ativa e o vínculo terapêutico foram considerados determinantes para o sucesso do cuidado por 81% dos entrevistados (FERREIRA et al., 2023).

As estratégias não farmacológicas como relaxamento, musicoterapia, aplicação de calor e frio e massagem foram eficazes para 58% dos pacientes, reduzindo dor e ansiedade. Conforme o INCA (2024), essas práticas complementares promovem conforto e bem-estar. Além disso, 73% dos enfermeiros relataram orientar pacientes e familiares sobre o uso dessas técnicas, fortalecendo a autonomia no autocuidado.

Os principais desafios identificados foram a falta de preparo técnico e emocional (69%), a escassez de recursos e protocolos padronizados (74%), e dificuldades de comunicação entre equipe e pacientes (62%). A sobrecarga de trabalho também foi citada por 85% dos profissionais como fator que prejudica a qualidade da assistência. Esses achados corroboram Cruz et al. (2022) e Salvetti et al. (2020), que apontam os mesmos obstáculos na prática oncológica. Por fim, a humanização e integralidade do cuidado foram valorizadas por 90% dos enfermeiros, que reconheceram o acolhimento e a empatia como essenciais no manejo da dor. 76% ressaltaram a importância de considerar aspectos espirituais, sociais e culturais, e 68% afirmaram incluir a família no processo de cuidado. Assim, a enfermagem reafirma seu papel na promoção do conforto, dignidade e qualidade de vida do paciente oncológico (INCA, 2023; GOMES; MELO, 2024).

## **CATEGORIA 1. O PAPEL DA ENFERMAGEM NO MANEJO DA DOR NO PACIENTE ONCOLÓGICO FORA DO CONTEXTO DOS CUIDADOS PALIATIVOS**

O manejo da dor oncológica exige da enfermagem uma atuação ampla, que envolve avaliação contínua, intervenção e acompanhamento sistemático do paciente. De acordo com Lima et al.(2023), a dor oncológica deve ser compreendida em sua dimensão fisiológica, emocional, comportamental e ambiental, o que requer do enfermeiro uma abordagem crítica, sensível e individualizada. O profissional de enfermagem, por estar em contato constante com o paciente, é essencial na identificação precoce de alterações no padrão doloroso e na implementação de ações que visem o alívio desse sintoma.

A avaliação da dor é apontada como a base para o manejo efetivo. Segundo Pereira, Melo e Silva (2024), essa avaliação deve ser sistematizada, contínua e realizada por meio de instrumentos padronizados, como escalas unidimensionais e multidimensionais, sendo



indispensável para a mensuração adequada da dor. Os autores destacam que cabe ao enfermeiro observar e registrar a intensidade, localização, duração e fatores que agravam ou aliviam o desconforto. Para Lima et al.(2023), o registro e a comunicação eficaz entre os membros da equipe multiprofissional garantem a continuidade e a segurança do cuidado, prevenindo o subtratamento da dor.

No que se refere às intervenções, os estudos indicam que o enfermeiro atua tanto em medidas farmacológicas quanto não farmacológicas. Silva, teixeira e Lopes (2025) enfatizam que o uso correto dos analgésicos prescritos, observar efeitos adversos e comunicar à equipe médica possíveis ajustes terapêuticos. Paralelamente, cabe à enfermagem implementar medidas não farmacológicas, como mudanças de decúbito, aplicação de calor ou frio, técnicas de relaxamento e práticas integrativas, as quais têm se mostrado eficazes no controle da dor e na redução da ansiedade relacionada à doença (PEREIRA; MELO; SILVA,2024). Outro aspecto fundamental do papel do enfermeiro é a educação em saúde. Segundo Silva, Teixeira e Lopes (2025), orientar o paciente e seus familiares sobre o uso correto das medicações, os possíveis efeitos colaterais e as estratégias de autocuidado é essencial para a adesão ao tratamento e para o empoderamento do paciente no enfrentamento da dor. Esse processo educativo contribui para reduzir crenças equivocadas sobre o uso de analgésicos, como o medo da dependência, além de fortalecer o indivíduo no controle de sua própria dor.

154

A escuta ativa e o acolhimento também são dimensões essenciais do cuidado. Lima et al. (2023) ressaltam que o enfermeiro deve reconhecer a dor como um fenômeno multidimensional, abrangendo aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais.

Dessa forma, é necessário oferecer suporte psicossocial e encaminhar o paciente a outros profissionais, quando necessário. Para Silva, Teixeira e Lopes (2025), essa postura humanizada fortalece o vínculo terapêutico e contribui significativamente para a melhoria da qualidade de vida do paciente oncológico.

Por fim, os estudos apontam a importância da capacitação contínua dos profissionais de enfermagem. Conforme destacam Pereira, Melo e Silva (2024), ainda existem lacunas no conhecimento sobre o manejo da dor oncológica e certa resistência no uso de analgésicos potentes.

Lima et al. (2023) reforçam que o investimento em educação permanente e a adoção de protocolos institucionais padronizados fortalecem a autonomia da enfermagem e garantem um cuidado baseado em evidências. Assim, fora do contexto paliativo, o enfermeiro assume o papel

decisivo na avaliação, implementação e monitoramento das estratégias para o controle da dor, promovendo conforto, segurança e qualidade de vida ao paciente oncológico.

## **CATEGORIA 2. INTERVENÇÕES NÃO FARMACOLÓGICAS NO MANEJO DA DOR ONCOLÓGICA: CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMAGEM**

As informações não farmacológicas têm se mostrado um recurso relevante no controle da dor oncológica e representam um campo de atuação significativo para a enfermagem. O enfermeiro, por sua formação e contato com o paciente, desempenha papel fundamental na identificação da dor, na seleção e aplicação de terapias complementares e na avaliação dos seus efeitos. Essas estratégias permitem reduzir a dependência de analgésicos, promover o bem-estar e melhorar a qualidade de vida de pacientes com câncer (RUELA et al., 2018).

Entre as principais intervenções não farmacológicas estudadas destacam-se as terapias integrativas, como a acunputura, acupressão, reflexologia, massagem terapêutica, yoga e exercícios físicos. O enfermeiro ao incorporar essas práticas em sua assintência, atua de forma humanizada e holística, valorizando as dimensões físicas, emocionais e espirituais do paciente. Ruela et al. (2018) evidenciaram que a acupuntura auricular reduziu significativamente a intensidade da dor oncológica, reforçando seu pontencial como terapia complementar segura e eficaz.

155

A acupressão também foi objeto de estudo em pacientes oncológicos, demonstrando resultados positivos. Nia et al. (2017) observaram diminuição relevante na intensidade da dor entre pacientes com leucemia submetidos à técnica, apontando que o toque terapêutico e a pressão em pontos específicos são estratégias simples e de baixo custo que podem ser orientadas e supervisionadas por enfermeiros. Essa prática pode ser incorporada como intervenção autoadministrável, fortalecendo o autocuidado e a autonomia do paciente.

De forma semelhante, a reflexologia e a massagem nos pés mostraram benefícios significativos no alívio da dor e de outros sintomas relacionados ao câncer. Rambod, Pasyar e Shamsadin (2019) relataram melhora da fadiga, dor e qualidade do sono em pacientes com linfoma após sessões de reflexologia, enquanto Uysal, Kutlutürkan e Uğur (2017) observaram controle eficaz de sintomas em pacientes com câncer colorretal submetidos à massagem nos pés. Essas intervenções, além de reduzirem a dor, promovem relaxamento e conforto, contribuindo para a integralidade do cuidado de enfermagem.

O enfermeiro também tem papel essencial na implementação e monitoramento de técnicas corporais e de movimento, como a yoga e exercícios terapêuticos. Eyigor et al. (2018)

demonstraram que a prática de yoga reduziu a dor e melhorou a qualidade de vida de pacientes com câncer de mama, enquanto De Groef et al. (2017) verificaram melhora funcional e redução da dor em programas de fisioterapia assistidos pela enfermagem. Essas práticas, quando integradas ao plano de cuidados, favorecem o controle da dor e a recuperação da funcionalidade.

Além das terapias manuais e corporais, técnicas de estimulação elétrica e neuromodulação também têm sido investigadas. Ibrahim et al. (2018) verificaram que a estimulação transcraniana por corrente contínua (tDCS) aplicada sobre o córtex motor reduziu a dor visceral em pacientes com carcinoma hepatocelular. Kashyap et al. (2020), por sua vez, mostraram que a Scrambler Therapy diminuiu a intensidade dolorosa e o uso de morfina em pacientes com dor oncológica. Nessas abordagens, o enfermeiro desempenha papel importante na preparação do paciente, na monitorização dos parâmetros e na observação de efeitos adversos, garantindo a segurança da intervenção.

Outros estudos reforçam a eficácia de técnicas combinadas, como a acupuntura associada à auriculoterapia. Xu et al. (2020) evidenciaram que a combinação dessas técnicas promoveu redução significativa da dor e do uso de analgésicos, mostrando que abordagens integradas potencializam o efeito analgésico. O enfermeiro, nesse contexto, atua como mediador entre o paciente e os demais profissionais da equipe multidisciplinar, garantindo a continuidade do cuidado e o acompanhamento dos resultados. A contribuição da enfermagem vai além da aplicação direta das terapias.

156

Envolve também o acompanhamento sistemático da dor, a educação do paciente quanto às técnicas utilizadas, a promoção do autocuidado e a avaliação dos resultados alcançados. Como destaca Tse et al. (2012), programas de educação conduzidos por enfermeiros aumentam a adesão dos pacientes ao manejo não farmacológico e reduzem as barreiras psicológicas em relação à dor. Assim, as intervenções não farmacológicas constituem ferramentas valiosas para o controle da dor oncológica, e a atuação do enfermeiro é essencial para sua implementação eficaz. Por meio da avaliação clínica, da educação em saúde, da aplicação de terapias integrativas e da coordenação do cuidado, o enfermeiro contribui diretamente para a redução da dor, melhora da qualidade de vida e humanização da assistência ao paciente oncológico.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa possibilitou compreender, de forma ampla e reflexiva, a relevância da atuação do enfermeiro no controle e manejo da dor em pacientes oncológicos. Constatou-se

que a dor, além de representar um sintoma físico, manifesta-se também como uma experiência emocional, social e espiritual, exigindo do profissional de enfermagem uma abordagem integral, humanizada e pautada em evidências científicas. O enfermeiro assume papel central no reconhecimento, avaliação, monitoramento e controle da dor, atuando como elo entre o paciente, a família e a equipe multiprofissional.

A análise dos estudos permitiu identificar que a assistência de enfermagem, quando planejada de forma sistematizada e baseada no processo de enfermagem, favorece um cuidado mais resolutivo e eficaz. O enfermeiro é responsável por avaliar continuamente a intensidade, localização e características da dor, registrar suas alterações e implementar intervenções farmacológicas e não farmacológicas adequadas. Essas ações, quando associadas ao vínculo terapêutico, à escuta ativa e ao acolhimento empático, promovem conforto, segurança e fortalecimento do enfrentamento do paciente frente à doença.

Destaca-se que as intervenções não farmacológicas, como massagem, relaxamento, acupressão, reflexologia, yoga e musicoterapia, têm se mostrado eficazes na redução da dor e no aumento da sensação de bem-estar, complementando o tratamento medicamentoso e fortalecendo o cuidado holístico. Entretanto, o estudo evidenciou desafios importantes, como a falta de preparo técnico e emocional dos profissionais, a escassez de recursos institucionais, o déficit de protocolos assistenciais padronizados e a sobrecarga de trabalho, fatores que podem comprometer a qualidade da assistência e o controle efetivo da dor.

157

Dessa maneira, ressalta-se a necessidade de investimento contínuo em capacitação e educação permanente em saúde, visando ampliar o conhecimento técnico e científico dos enfermeiros, bem como promover maior valorização profissional e autonomia na tomada de decisões clínicas. A criação de políticas institucionais voltadas à padronização de protocolos e à implementação de práticas baseadas em evidências é fundamental para assegurar a qualidade da assistência e o fortalecimento da enfermagem oncológica.

Conclui-se, portanto, que a atuação do enfermeiro no controle da dor oncológica ultrapassa o manejo dos sintomas físicos, abrangendo dimensões emocionais, espirituais e sociais do ser humano. O cuidado prestado deve estar alicerçado na empatia, na comunicação efetiva e na integralidade, reafirmando o compromisso ético e social da enfermagem com a promoção do conforto, da dignidade e da qualidade de vida de pacientes em tratamento oncológico.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. O que causa o câncer? Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/causas-e-prevencao-do-cancer/o-que-causa-o-cancer>. Acesso em: 3 nov. 2025.

CASTRO, Renata C. B. O. M. de; VIEIRA, Vera L. M. de; ASSUNÇÃO, André A. Qualidade de vida e câncer: revisão sistemática de artigos brasileiros. *Psico*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 87-95, jan./mar. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/5550>. Acesso em: 3 nov. 2025.

CAVALHEIRO, Andréia dos Reis; SANTOS, Juliano dos. Acupuntura para o controle da dor entre pacientes com câncer de mama: revisão integrativa da literatura. *Revista Aracê*, São José dos Pinhais, v. 7, n. 1, p. 4257-4279, 2025. DOI: 10.56238/arev7n1-251. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/3067>. Acesso em: 3 nov. 2025.

DE FREITAS, Karine Gonçalves; DA SILVA, Milena Gomes; GONÇALVES, Ludmylla Borges. A atuação da enfermagem no cuidado de pacientes oncológicos: cuidados paliativos e controle de dor. *Revista Saúde dos Vales*, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2025.

DE LIMA, Analize Bison et al. Cuidados de enfermagem recomendados para avaliação e manejo da dor oncológica. *Revista Ciência & Humanização do Hospital de Clínicas de Passo Fundo*, v. 2, n. 2, p. 105-121, 2022.

FERREIRA, M. A. M.; SANTOS, M. F.; OLIVEIRA, R. S.; SILVA, A. C. M. da. Assistência de enfermagem no manejo da dor do paciente oncológico: revisão de literatura. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 1, e13212139686, 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/39686/32457>. Acesso em: 3 nov. 2025.

GALVÃO, Cássia Maria et al. Intervenções de enfermagem para o alívio da dor em pacientes oncológicos: revisão integrativa. *Revista Dor*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 77-82, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdor/a/tYwV97QxS3b5kYvJ3C3Q8hD/>. Acesso em: 3 nov. 2025.

GOMES, M. F.; MELO, A. F. Qualidade de vida do paciente oncológico com dor atendido em um hospital de referência. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 2, e3713244959, 2024. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/44959/35916/469698>. Acesso em: 3 nov. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). Cuidados paliativos oncológicos: controle da dor. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: INCA, 2021a.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). Métodos e técnicas não farmacológicas no tratamento da dor oncológica: revisão de literatura. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/2667/2533>. Acesso em: 3 nov. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). Como surge o câncer? Rio de Janeiro: INCA, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/como-surge-o-cancer>. Acesso em: 3 nov. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). Práticas integrativas e complementares no cuidado oncológico: contribuições para o ensino. Rio de Janeiro: INCA, 2021b. 70 p. ISBN 978-65-88579-22-3. Disponível em: [https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//livro-praticas-integrativas-e-complementares-no-cuidado-oncologico\\_2021.pdf](https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//livro-praticas-integrativas-e-complementares-no-cuidado-oncologico_2021.pdf). Acesso em: 3 nov. 2025.

LIMA, W. F. M. et al. Assistência de enfermagem no manejo da dor do paciente oncológico: revisão de literatura. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 9, p. 1–10, 2023.

LOPES, Laís Colares; SILVA, Amanda Martins; TEIXEIRA, Barbara Cruz. Cuidados de enfermagem no controle da dor em pacientes oncológicos. *Revista Multidisciplinar Integrada – REMI*, v. 5, n. 3, p. 1–18, 2025.

MANOEL, A. L. R. et al. O papel do enfermeiro no manejo da dor nos pacientes em cuidados paliativos oncológicos: uma revisão integrativa. *Scire Salutis*, v. 11, n. 1, p. 1–13, 2021.

PEREIRA, G. V.; MELO, M. O.; SILVA, E. R. Assistência de enfermagem na avaliação e manejo da dor oncológica: revisão integrativa da literatura. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação (REASE)*, v. 10, n. 3, p. 119–134, 2024.

POTTER, Patricia A. et al. *Fundamentos de enfermagem*. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

SILVA, A. C. M. da; SANTOS, M. F. dos; OLIVEIRA, R. S. de; FERREIRA, M. A. M. Assistência de enfermagem no manejo da dor do paciente oncológico: revisão de literatura. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 1, e13212139686, 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/39686/32457>. Acesso em: 3 nov. 2025.

SILVA, A. M.; TEIXEIRA, B. C.; LOPES, L. C. Cuidados de enfermagem no controle da dor em pacientes oncológicos. *Revista Multidisciplinar Integrada – REMI*, v. 6, n. 1, p. 52–61, 2025.

SILVA, Beatriz Uchoa; YOSHIOKA, Eliane Muta; SALVETTI, Marina de Goes. Conhecimento de enfermeiros sobre o manejo da dor oncológica. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 68, n. 4, 2022.

SILVA, D. F. da; COSTA, M. A. da; LIMA, R. S. de; SAWADA, N. O. Dor total em pacientes oncológicos: uma revisão integrativa da literatura. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 52, e03311, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/6RNghwmwtkGbXFqFpdx9MQr/>. Acesso em: 3 nov. 2025.